

REGO, José Lins do. *Doidinho*. Rio de Janeiro, Ariel, 1933. 326 p.

Doidinho é a continuação da vida do *Menino de Engenho* de tão admirável êxito.

Doidinho entra para o Colégio de Nossa Senhora do Carmo. É ainda menos que adolescente, mas tem já várias espertezas precoces.

Recebe-o o diretor Maciel, homem grave, espinhento e cruel, que não conhece outra virtude pedagógica que a do bolo e outras torturas físicas. Sob essa tirania escolar, floresce a vida do neto do Coronel Zé Paulino, velho cético.

Doidinho observa essa pequena sociedade colegial, onde há meninos bons como o *Coruja*, de quem se faz amigo, e outros maus, perversos, invejosos e trampolineiros. Há o Clóvis, vítima da perversidade viciosa e sensual dos que o dominam. São tipos memoráveis o Pão Duro, o Papafigo e o próprio *Doidinho*; segundo o costume do norte e dos antigos índios, todos têm uma alcunha. As alcunhas são mais significativas e exatas que os nomes do calendário.

Doidinho era assim chamado (e durante muito tempo ele não soube) porque seu pai enlouquecera e matara a esposa, mãe do pobre colegial. O doido afinal morrerá, e com essa morte é que *Doidinho* teve a revelação da tragédia de seus pais.

Ci. & Tróp., Recife, 10(2): 213-246, jul./dez., 1982

O grande mérito do livro é o de nos desenhar a vida de um colégio da roça; todos os defeitos da instrução e educação elementar nos internatos, a inépcia dos mestres e a imoralidade da copeira, a Negra Paula, que tinha os seus sucessivos namorados entre os mais taludos dos rapazes.

Se fosse um livro puro e casto, seria *O Coração* como o escrevera De Amicis. É, porém, um livro brasileiro, dentro do realismo moderno, sem nenhum intuito de edificação. Entretanto, mesmo de longe, *O Coração*, de De Amicis, influiu na elaboração do romance brasileiro. Outro romance da mesma espécie e em quadro igual temos: *O Ateneu*, de Raul Pompéia. Lembramo-lo, sem intuito de inútil e descabida comparação entre os três livros da vida colegial. O italiano é estilizado com devoção; *O Ateneu* é uma sátira amarga, mas verdadeira. *O Doidinho* é uma obra de puro realismo da decadência social brasileira.

Neste romance do nosso autor tudo nos encanta: a linguagem propositalmente incorreta dos seus diálogos, os personagens bem estudados e observados e a miséria da nossa instrução elementar, e o bosquejo da vida numa pequena cidade ou vila do Nordeste. A paisagem, os rios, o céu com suas chuvas e o solo árido ou lamacento. Tudo pobre e mesquinho nesse ambiente que faz estiolar o coração e o espírito.

Sem embargo dessa depressão, moral ou física, há caracteres fortes, tenacidade de virtude ingênita.

Há mesmo algum romantismo: a história de amor, um pouco descuidado, afeição platônica, de Doidinho pela suave Maria Luísa, aluna externa. Não era sem razão que a cama de Doidinho tremia de noite (segundo uma denúncia feita ao diretor). Essa paixão era a única poesia do livro, sem excessiva materialidade.

Há os episódios das festas, das férias, e a volta à casa paterna, pela Semana Santa ou pelo S. João; o contato com os vaqueiros e os moleques de engenho e a saudade de Zefa Cajá, cuja casa estava agora arruinada, sem ela, que desaparecera do sítio. (Veja-se *Menino de Engenho*).

A negação de Doidinho pelos exercícios militares fecha os últimos capítulos e com isso, a fuga de Doidinho para a fazenda.

Há qualquer decepção nesse desenlace que, com ser verdadeiro, não satisfaz o leitor.

Eis o que é *Doidinho*, livro que, embora inferior a *Menino de Engenho*, é realmente um romance de primeira ordem, na literatura moderna dos nossos dias.

Esse acabamento sem *close-up* ainda é um sinal de realismo, porque na vida real a maior parte das histórias acaba no meio, ou quando muito, perto do fim, sem fim apreciável.

Doidinho fugiu. E como ele era a pessoa que nos interessava, a história acabou.

JOÃO RIBEIRO

(*Jornal do Brasil*, 22 nov. 1933)